

Zênite

curadoria Ane Valls

Zênite, ponto mais alto do firmamento, não é apenas uma direção astronômica: é também a imagem-limite daquilo que escapa à apreensão plena. É o ponto que não vemos, uma vez que está acima da linha do olhar, mas que ainda assim orienta, organiza e distribui sentido no espaço. Tomar o zênite como eixo desta exposição é investigar aquilo que, nas imagens, se torna indício de presença e, ao mesmo tempo, diluição; aquilo que sobe, paira ou se condensa no campo da visão sem jamais se fixar inteiramente nele. As artistas reunidas aqui compartilham esse interesse pela imagem como acontecimento — uma aparição que se sabe frágil, instável, contraditória, e que depende tanto do gesto quanto da atmosfera que a envolve.

Se zênite é o ponto imaginário mais alto, estas obras operam justamente na dimensão do que se eleva: resíduos de sensações suspensas em camadas de tinta, gestos que emergem ao mesmo tempo em que se retraem, paisagens e presenças que se erguem como miragens.

Camila Elis reinscreve no espaço pictórico um desejo radical: o de ocupar o campo visual de quem se aproxima, impondo uma experiência de escala que faz da pintura não uma janela, mas um ambiente. Algumas imagens surgem de uma operação de rarefação que transforma a cor em vapor, névoa, respiração. O uso da cor sobreposta a nos lembrar que há algo que nunca se estabiliza: verdadeira lavagem da superfície, produzindo uma espécie de contra-luminosidade — aquilo que se vê está sempre em disputa com aquilo que ameaça se apagar.

Heloisa Franco trabalha pelo gesto que não deposita tinta para criar a imagem, mas antes, ela retira, raspa, subtrai. A pintura emerge de um embate físico entre tinta e superfície: madeira, tela, alumínio. Cada suporte responde, resiste, devolve o gesto.

Há um deslocamento da pintura para o campo do acontecimento: a imagem não está dada, ela é derivada, forjada, removida. O que sobe à superfície se dá justamente porque o gesto desce. Uma verticalidade invertida, onde a emergência da forma depende de sua própria erosão.

Gabriela Stragliotto nos convoca à uma condição atmosférica que emerge do encontro entre materiais de tempos diferentes: o nanquim, com sua velocidade e precisão quase intempestiva, e o linho, com sua organicidade fibrosa e seu ritmo lento, ancestral. Assim, o gesto se coloca sempre em negociação. A artista instaura uma geografia que não se fecha: linhas que se insinuem como serras, delimitações que lembram o desenho de dunas, cortes que poderiam ser rios vistos do alto, fendas, vales. São linhas que operam ao mesmo tempo como estrutura e como deriva: elas não desenham uma paisagem, mas o movimento de paisaginar.

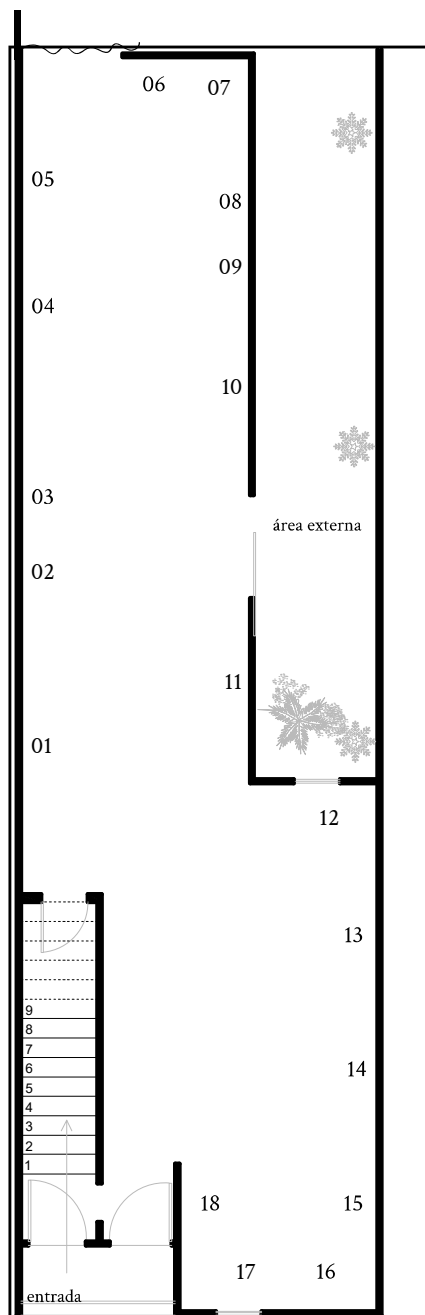
Camila Freixo persegue objetos que carregam consigo uma longa história de permanência e uso. Sua escolha pela cadeira como suporte pictórico, escultórico ou simbólico não é banal: é apresentar o lugar daquilo que tomou posição. A artista convoca signos que atravessam milênios: ossos, ânforas, colunas fragmentadas, figuras estilizadas que se aproximam do hierático, inscrições que se insinuem como grafismos arcaicos. O uso do preto diluído quase aquoso, produz uma oscilação entre peso e leveza que espelha o trânsito entre o que poderia ser denso mas que se recoloca como menos objeto e mais como contorno, como se fossem sombras de si mesmas, aparições de uma memória material.

Entre a ameaça e a oferta, Luiza Lukah trabalha no limiar entre botânica e mitologia, produzindo seres com um léxico de metamorfoses: mistura partes de corpos que não coexistem e cria uma entidade que vive num estado de fronteira permanente. A criatura híbrida — serpente, flor, tronco, brânquia, escama é também guardadora, vigia, sentinelas do indizível. Há texturas que lembram cascas, escamas, pétalas espessas, músculos vegetais: o indomesticável que guarda a força mais profunda sobre um tom atmosférico úmido, de luz difusa. Caudas que ondulam, ou membranas prestes a se abrir, cada uma dessas formas possui uma espécie de luminosidade interna.

Zênite é, portanto, o nome de um campo sensível onde as imagens não buscam preencher o real, mas intensificá-lo. Esta exposição nomeia, assim, um conjunto de operações que as artistas mobilizam: elevação, emergência e suspensão da forma. Aliadas ao deslocamento da lógica de presença, é o deslocamento da própria sensibilidade que as reúne e convoca a uma relação mais intencional com a imagem — uma relação em que ver é uma forma de desprendimento.

Zênite

curadoria Ane Valls



1º pavimento

1
CAMILA ELIS
Veladuras
2025
Pintura a óleo sobre tela
125 x 152 cm

2
CAMILA ELIS
Luz
2025
Pintura à óleo
23 x 28 cm

3
CAMILA FREIXO
Cadeira I
2025
Pintura acrílica sobre tela
106,5 x 88 cm

4
HELOISA FRANCO
Sem título
2025
Pintura à óleo sobre linho
30 x 40 cm

5
CAMILA ELIS
Éter e a luz
2025
Pintura à óleo sobre tela
150 x 150 cm

6
HELOISA FRANCO
Sem título
2023
Pintura à óleo sobre linho
18 x 24 cm

7
HELOISA FRANCO
Sem título
2025
Pintura à óleo sobre tela
18 x 24 cm

8
GABRIELA STRAGLIOTTO
Um sol cultivado por descuido
2025
Pintura em óleo e nanquim
sobre linho
45 x 25 cm

9
GABRIELA STRAGLIOTTO
Entre beiradas
2025
Pintura em nanquim sobre
linho
36 x 36 cm

10
GABRIELA STRAGLIOTTO
Core say good bye
2025
Pintura em nanquim sobre
linho
95 x 170 cm

11
CAMILA ELIS
Nix
2025
Pintura a óleo sobre tela
136 x 100 cm

12
HELOISA FRANCO
Sem título
2025
Pintura a óleo sobre tela
18 x 24 cm

13
CAMILA FREIXO
Cadeira II
2025
Pintura acrílica sobre tela
106 x 67 cm

14
GABRIELA STRAGLIOTTO
Olhos d'água
2025
Pintura em nanquim sobre
linho
28 x 24 cm

15
LUIZA LUCAH
Les tulipes
2024
Pintura acrílica sobre tela
150 x 150 cm

16
HELOISA FRANCO
Racha
2025
Pintura a óleo e bichas de
aço sobre alumínio
10 x 30 cm

17
HELOISA FRANCO
Sem título
2025
Pintura a óleo sobre alu-
minio
21 x 31 cm

18
LUIZA LUCAH
Garra jade
2025
Pintura a óleo sobre tela
24 x 22 cm



São Paulo
Rua Brigadeiro Galvão, 990
Barra Funda - SP - 01151 000

11 91907.4554 | 51 99916.8818 | 48 988407039
@galeriamamute
contato@galeriamamute.com.br
www.galeriamamute.com.br